

A CONSTRUÇÃO DO NORDESTE COMO TERRITÓRIO ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA.

Josélia Mariana Silva Carlos Torres

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

j.mariana_ef@hotmail.com

Themis Cristina Mesquita Soares

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

themiscris@hotmail.com

Bertulino José de Souza

bj_panorama@hotmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Anderson Pinheiro Torres

Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar-FACEP

andersonpinheirotorres@hotmail.com

RESUMO

A compreensão acerca do conceito de território vem sendo delineada pelas transformações ocorridas na sociedade, sejam elas de ordem econômica, social, cultural, intelectual e política. Como também, o território emana de uma criação imagética inventada através das subjetivações transmitidas pela educação, contatos sociais, hábitos, enfim da cultura nos faz idealizar o real por meio de totalizações abstratas. Sob o mesmo ponto de vista que a região Nordeste foi arquitetada, por meio de uma construção simbólica, instituída paulatinamente através do discurso e práticas, das imagens e textos que muitas vezes nem tinham relação entre si, ou seja, elas surgiam do combate entre o que foi dito e visto, em que nem sempre o que está região foi construída através das representações sociais, ou seja, pelos conhecimentos oriundos do senso comum transmitidos pelos meios de comunicação. Logo, o objetivo foi analisar a construção do território nordeste na perspectiva da teoria das representações sociais, debatendo o impacto destas na construção da identidade desse lugar, fazendo relação ao perigo de uma história única. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, em que utilizamos a análise de conteúdo como método, no qual elencamos as categorias: mídia (jornal), literatura e cinema. Foi percebido que as representações sociais que construíram a região nordeste foram delineadas por uma única visão, que foi a de um nordeste da seca, da pobreza, da miséria, em que a figura do nordestino submetido aos latifundiários e aos coronéis. E o perigo de uma história única está em fomentar o quanto somos diferentes, quando se poderia enaltecer o quanto somos semelhantes.

Palavras-chave: Território, Representações Sociais, Nordeste.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, todos os dias nos confrontamos com uma diversidade de informações políticas, econômicas, culturais, climáticas que estimulam nosso pensamento e opinião sobre estas, principalmente quando tratam de questões e eventos inéditos que nos afetam de alguma forma, fazendo com que procuremos maneiras de compreendê-los, aproximá-los do que já conhecemos, nos impulsionando a usarmos palavras que fazem parte do repertório das conversas do cotidiano, ou seja, somos estimulados a nos manifestarmos sobre estes, de forma a propormos soluções, fazendo julgamento e tomando um posicionamento (ALVES-MAZZOTI, 2008).

Desta forma, vão surgindo interações sociais que conseqüentemente criam os “universos consensuais” no ambiente, em que novas representações serão produzidas e comunicadas de modo, a constituir esse universo não como uma simples opinião, e sim como teorias verdadeiras do senso comum, construções esquemáticas que possuem o intuito da complexidade do objeto, promover a comunicação e guiar os comportamentos (ALVES-MAZZOTI, 2008).

Nessa perspectiva essas teorias são chamadas de representações sociais oriundas do senso comum que se baseiam na origem das práticas sociais e nas diferenças grupais que tem como objetivo dar sentido à realidade social, criar identidades e preparar as organizações e conduzir as condutas, ou seja, não é qualquer conhecimento do senso comum, para isso deverá possuir formas diversas para cada contexto e ser importante para o grupo (SANTOS e ALMEIDA, 2005).

De conformidade com o exposto percebe-se uma semelhança entre as representações sociais e o território, uma vez que esse último vem sendo compreendido pelas transformações ocorridas na sociedade, sejam elas de ordem econômica, social, cultural, intelectual, política principalmente pelos conhecimentos oriundos do senso comum transmitidos pelos meios de comunicação. Essa última apreensão tem como caráter definidor os estereótipos e a subjetividade numa perspectiva fundamental para a construção das relações sociais relacionadas associadas a questões de poder, emanações de afetos, de sentimentos, de vontade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999) (SAQUET, 2013).

Neste sentido, o território emana de uma criação imagética inventada através das subjetivações transmitidas pela educação, contatos sociais, hábitos, enfim da cultura nos faz idealizar o real por meio de totalizações abstratas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

Sob o mesmo ponto de vista, Santos (2013) considera que a região Nordeste foi arquitetada, por meio de uma construção simbólica, em contraposição conflituosa com o Sul,

em particular com o Rio de Janeiro. Uma região instituída paulatinamente através do discurso e práticas, das imagens e textos que muitas vezes nem tinham relação entre si, ou seja, elas surgiam do combate entre o que foi dito e visto, em que nem sempre o que se é anunciado, é praticado e vice-versa, tendo mediador dessa relação as estratégias de poder (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

A partir das considerações supra citadas surge a questão problema do estudo: Por que essa construção imagética e discursiva do Nordeste tem bases tão firmes?

Neste sentido, tem como objetivo analisar a construção do território nordeste sob a perspectiva da teoria das representações sociais, bem como, debater o impacto dessas na constituição da identidade desse lugar análoga ao perigo de uma história única.

Sendo assim, trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, em que utilizamos a análise de conteúdo como método, no qual elencamos as seguintes categorias: mídia (jornal), literatura, cinema, tendo em vista que segundo Moscovici (2007) a principal forma de materializar as representações sociais é a comunicação.

Para tanto, torna-se relevante discorrer acerca dessa temática para tentarmos compreender não só a região nordeste brasileira, mas também a região norte, o continente africano, por exemplo, que foram instituídos no imaginário social através de estereótipos, de representações sociais que descontextualizam a identidade cultural desses lugares e pessoas que lá habitam.

É importante realizar investigações críticas nessa perspectiva focando nas representações da alteridade, procurando abordagens menos etnocêntricas, de modo a promover a quebra da parcialidade sobre o que é dito e transmitido sobre o diferente.

O TERRITÓRIO E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A discussão a respeito de território não é recente, tendo seu início por volta do século XV, relacionada a questões políticas intrínsecas da época, marcada pela dominação de uma determinada área de terras, como aconteceu nas cidades-estados de Grécia, nas cidades romanas que possuíam soberania territorial. Em seguida, no século XVI passou a ser compreendido para além de abrigo, passando a ser entendido como uma forma de investimento feito por pessoas (GOTTMAN 1973).

Isto foi proporcionado graças a descoberta do chamado mundo novo, que foi a transição do feudalismo para o capitalismo resultante do processo de expansão marítimo-comercial,

liderado pelos europeus que se lançaram em oceanos desconhecidos. Nessas viagens acabaram por conhecer imensos territórios e conseguiram entrar no lucrativo comércio de especiarias (DE CARVALHO E GUMARÃES, 2013).

Como resultado, nos dois séculos adiante houve a predominância do entendimento deste termo, como um receptáculo das atividades econômicas do homem sob uma perspectiva de poder relacionada a dominação, ocupação e administração através da cobrança de tributos, de regimento de leis (MACHIAVELLI, 2006). Nessa visão pode ser percebido que o significado de território foi modificado a partir do momento que este foi percebido como uma forma de render lucros, ou seja, que as riquezas naturais poderiam gerar dinheiro. E isto despertou a dominação, estabelecendo assim uma relação de poder, criando a figura do dominante que ia dominar o território e as pessoas, como também iria conquistar o território do outro (SAQUET, 2013).

Posteriormente, no século XIX e XX com o advento do avanço tecnológico (Revolução Industrial, possibilitando muitas coisas, dentre elas novas técnicas e tecnologias de produção, e do crescimento da Geografia – se tornando uma ciência autônoma) percebe-se que o território está atrelado a área das ciências biológicas, sendo este entendido como área e recursos naturais para além do geopolítico, vinculando-se aos aspectos cultural (religião) e da economia (comércio) (RATZEL, 2013). E é nesse momento que foi formulado o conceito de território, tendo como seu idealizador o geógrafo alemão Friedrich Ratzel.

Em face as diferentes definições de território, assinaladas outrora, as mais difundidas, e que caracterizam a gênese do conceito, são aquelas que dão ênfase a sua conexão com relações de poder produzido pelas relações que ocorrem a todo instante, ou seja, das situações complexas da vida em sociedade, partindo do pressuposto de que “poder não é alguma coisa que se adquire”, “o poder se exercita” (FOUCAULT, 1978, p. 83-85).

Nesta perspectiva, o poder passa a ser direcionado para as relações sociais conflituosas, diferentes, não pertencendo apenas ao domínio do Estado, mas também a outras instituições como a religiosa, a família, etc., ou seja, a compreensão do que é território muda diante do entendimento das relações de poder estabelecidas.

Por consequência, percebe-se que o conceito de território vai sendo construído de acordo com as relações que cada sociedade vai estabelecendo com ele, relações estas que envolvem questões materiais tanto geopolítica, como também econômica e cultural (SAQUET, 2013). Além do mesmo tentar entender questões problemas do relacionamento que ocorre entre a sociedade e seu espaço (HAESBAERT, 2005).

Diante do exposto, nossa discussão será enfatizada a respeito do território nordeste construído pelo imaginário social mediante as relações de poder estabelecida pela sociedade brasileira que ao longo dos anos contribuiu para a aplicação de diversos estereótipos a respeito dessa região.

Em princípio as representações sociais é um termo utilizado na psicologia social que aborda tanto o objeto como a teoria por ela estudada. O primeiro, trata-se de um conhecimento oriundo do senso comum, no entanto não é considerado todo tipo de conhecimento, mas sim aquele que é articulado, compartilhado e constituído por uma teoria leiga sobre determinados objetos sociais. Já o segundo refere-se a um modelo teórico que parte de um conhecimento científico que buscou a compreensão e a explicação do conhecimento leigo, para que pudesse ocorrer o esclarecimento acerca das representações sociais (SANTOS e ALMEIDA, 2005).

Neste sentido, a teoria das representações sociais estuda as teorias do senso comum que se baseiam na origem das práticas sociais e as diferenças grupais que tem como objetivos: dar sentido à realidade social, criar identidades, preparar as organizações e gerir as condutas. Sendo assim, não é qualquer conhecimento do senso comum, para isso deverá possuir formas diversas para cada contexto e ser importante para o grupo (SANTOS e ALMEIDA, 2005).

Além disso a representação social e comunicação possuem uma forte ligação de modo a causar dependência mútua, uma vez que quando para nos comunicamos partilharmos de determinadas representações, estas conseqüentemente entram na nossa herança social por se tornar um objeto de interesse e de comunicação (MOSCOVICI, 2007). Nesse interim, a conversação é o tipo de comunicação mais utilizado, por esta ser o primeiro gênero para as criações das representações sociais. Depois vem a propaganda, a propagação e a difusão, classificadas como de segundo gênero (MOSCOVICI, 2007).

Para tanto, vale apenas ressaltar que iremos discutir o território ligado a subjetividade individual e coletiva, embora saibamos que o mesmo possui um significado amplo oriundo de uma dupla conotação, material e simbólica e “sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma (GUATTARI,1985). Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (HAESBAERT, 2001, p.30).

O NORDESTE E SUA HISTÓRIA ÚNICA

Ao se falar em região nordeste percebe-se na maioria das vezes uma vinculação a miséria, o sofrimento, a pobreza relacionadas a seu clima, a vegetação e principalmente pela

seca, porém sabe-se que o Nordeste não é só isso, que seus problemas não são em sua maioria em decorrência da seca. Sendo assim como essa imagem foi construída e até hoje ainda perdura?

A invenção desse nordeste é materializada através de práticas, discurso plural, imagens e textos, do visível e o dizível construídos a partir da década de 1910, pois até então esta região não existia, ninguém se preocupava com ela, nem a criticava, era como se não pertencesse ao Brasil (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

A princípio um dos seus construtores foi a mídia. Quando se vai observar por exemplo, matérias veiculadas pelo jornal O Estado de São Paulo daquela época, vemos os destaques para o grande crescimento da região sul. Em contraste, para a região norte são atrelados dizeres como: “estão assolados na sua miséria, pobreza e desertos”. Outras notícias ousavam explicar essa miséria em decorrência do habitat natural e a raça desfavorável, uma vez que os europeus migraram para o Sul, restando para o Norte, os escravos, fazendo assim referência ao eugenismo da raça, denotando uma superioridade da região Sul.

Logo, uma outra forma dessa invenção passa a ser a literatura, pois os autores escrevem suas narrativas a partir da visão do mundo em que vivem e o descreve de várias maneiras. A literatura registra a vida e principalmente a impressão que se tem dela (PESAVENTO, 2007). Nesse aspecto podemos destacar Vidas Secas de Graciliano Ramos, Quinze de Rachel de Queiroz, entre outros.

Nesse hiato, na primeira obra o autor relata o caminho do itinerante Fabiano, um dos seus personagens, por entre uma vegetação rala, ossos, animais mortos, fazendo com que o leitor seja transportado aquela situação de morte, de maneira a nos fazer reviver o narrado (RAMOS, 1983).

Na segunda, o contexto também não é diferente, pois há o relato da apreensão dos personagens com relação ao inverno, pois o período chuvoso está próximo, porém a natureza não tem demonstrado nenhum sinal, ocasionando medo, angústia, ao ponto de se considerar a possibilidade de abrir a porteira para o gado ir embora, de forma que estes não vissem esses animais morrendo (QUEIROZ, 1930).

Desse modo, nessas obras são externadas a criação de saberes sobre o clima nordestino mediante a sensibilização dos sujeitos sociais envolvidos, construindo-se assim, o imaginário. Neste sentido, percebe-se que o próprio nordestino é participante da construção cultural do Nordeste, pois estes são envolvidos pelos seus referenciais sociais que de uma forma ou de outra, seja para o bem ou mal foram estabelecidos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

Outrossim percebe-se que a seca se transformou num processo social resultante das relações dos indivíduos, deixando de ser uma questão geográfico-morfológico, instituindo-se

no imaginário como representação social, dessa forma, mesmo sendo no litoral ou brejo será visto como seca (ALBUQUERQUE, 2014).

Similarmente quando nos remetemos para o cinema, a compreensão sobre o nordeste se repete. No filme *Vidas Secas* (1963) dirigido por Nelson Pereira dos Santos tem um nordestino como protagonista da pobreza que em conjunto com sua família, anda de fazenda a fazenda em busca de emprego e moradia. Como não consegue, acaba por migrar para o sul (SANTOS, 1963).

Igualmente, o filme “*Deus e o Diabo na Terra do Sol*”, de Glauber Rocha não foge aos estereótipos. Neste percebe-se a peregrinação de Manuel e sua mulher Rosa tentando comprar um lote de terra, em que para isso precisam ir até a cidade para vender os animais bovinos que acabam morrendo no trajeto, causando raiva no coronel que era dono dos animais (ROCHA, 1964).

De certo assim se originou um território existencial construído de forma sintética e mental para legitimar a identidade de um lugar moldado a partir de uma tradição de ideias, pensamentos, lembranças, textos, imagens, experiências características dessa região. O nordeste do coronel, do cangaço, da seca, da fome, do profeta, do sertão, enfim daquele que fere a tudo que é visto como capitalista, mundo moderno, ou seja, uma invenção, repetida por diversos enunciados que definem o caráter da região e do seu povo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

Possivelmente nesse ponto é onde se verifica o perigo de uma história única, pois os estereótipos construídos de pessoas e lugares sob uma referência cultural e de distorção de identidades oriundas de uma única forma de se contar história, considerando a primeira e exclusiva informação sobre qualquer aspecto, contribui para a construção de apenas uma singular forma de se contar a história de uma pessoa ou lugar. Não é que os estereótipos estejam errados, mas sim incompletos, pois a experiência é demonstrada de forma superficial e há negligência de todas as demais narrativas (ADICHIE, 2009).

A saber, é o caso da região nordeste no qual criou-se uma imagem do território através de uma única história reproduzida através dos meios de comunicação que deixam transparecer a maneira como esta é vista pelo homem das regiões sul e sudeste e as múltiplas discriminações das identidades culturais dos nordestinos induzidas pelo controle às pessoas.

Nesta perspectiva, se faz necessário buscarmos a compreensão e o entendimento do universo do outro, dos lugares fugindo do senso comum, quebrando paradigmas, esquivando-se de informações prontas, da única história contada de qualquer pessoa ou lugar (ADICHIE, 2009). Isto nos permitirá compreendermos as coisas pela sua totalidade e não através das partes

(MORIN,2004). De modo que tenhamos um olhar multirreferencial dos fenômenos, das relações estabelecidas na sociedade, dos lugares, do outro, etc., pois as coisas se modificam a partir do momento que mudamos a maneira de olhá-las (BARBOSA, 1998).

Dessa maneira, o perigo de uma história única é que ela oculta as outras histórias, o Nordeste não pode ser concebido apenas sob a ótica da miséria, do chão rachado, da seca que castiga seu povo. Existem as outras histórias de um território simbólico-cultural, complexo e multidimensional, que “não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social” (MALVEZZI ,2007, p. 9).

E é muito importante falar das histórias de forma igualitária, pois quando se busca a compreensão de um lugar ou pessoa temos de dar atenção a todas, não falar delas é permitir a perda da dignidade das pessoas, é ressaltar que somos diferentes ao invés de mostrarmos o quanto somos semelhantes (ADICHIE, 2009).

Contudo, o Nordeste não se trata de um aspecto insensível na natureza. Ele não foi estabelecido desde sempre. O que tem se falado sobre ele são apenas recortes geográficos, fatos humanos, metades de histórias. São ilusões advindas da escória da luta social que apareceu e fluiu sobre este território, ou seja, um espaço construído historicamente por uma tradição de pensamento, uma imaginação e textos que o materializaram (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

CONCLUSÕES

Foi percebido que as representações sociais que construíram a região nordeste foram delineadas por uma única visão, de um nordeste da seca, da pobreza, da miséria, em que a figura do nordestino estava submissa aos latifundiários e aos coronéis.

Neste sentido, a literatura, a mídia, o cinema contou a mesma história de forma que o dizível se tornou visível até para os próprios nordestinos, pois de tanto que a história foi repetida acabou por se constituir como uma “verdade”, uma invenção. E isto se configura como um perigo, pois se cria os estereótipos que não consideram o todo, ou seja, são descontextualizados.

E o perigo de uma história única está em fomentar o quanto somos diferentes, quando se poderia enaltecer como somos semelhantes. Deveríamos refletir que é impossível aceitar que uma região e uma pessoa tenham apenas uma única história, temos que expandir nossos olhares e tentarmos enxergar através de diversas visões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. TED Ideas Worth Spreading. TED Global, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br Acesso em: 28 de out. 2016

ALBUQUERQUE, N. S. Apoderamento imagético do Nordeste do Brasil: Estereótipo e Discurso nas Artes. **Revista ComSertões**, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <http://revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/741/651> Acesso em: 30 de out. 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES-MAZZOTTI, A J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação- DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v1n1p18-43>. **Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 18-43, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1169/1181> Acesso em: 01 de nov. de 2016.

BARBOSA, J. G. (Org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 1998.

DOS SANTOS, R. J. O engenho, a cidade e a seca: notas sobre a produção simbólica do Nordeste. **Guavira Letras (PPG-Letras)-ISSN 1980-1858 (Qualis A2)**, v. 1, n. 17, 2015. Disponível em: <http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/view/101> Acesso em: 03 de nov. 2016.

ROCHA, G. **Deus e o Diabo na terra do sol** [Filme-vídeo]. Direção: Glauber Rocha. [S.l.]: Copacabana Filmes, 1964. Brasil. DVD (125 min.)

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FOUCAULT, M. **La volentã di sapere. Storia dela sessualità I**. Milano: Fertrinelli, 1978.

GUATTARI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. In: **Espaço & Debates** (São Paulo) Ano V, N° 16. 1985.

GOTTMANM, J. **The significance of territory**. Charlottesville University Press of Virginia, 1973.

HAESBAERT, R. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu S.; SAQUET, Marcos A. (Org.). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 87-120.

MACHIAVELLI, N. **II príncipe**. Milano: BUR, 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2007.

BRAGA, C. As secas do nordeste. *O ESTADO DE S. PAULO*, São Paulo, página 4, 23 de out. de 1919. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19191023-14903-nac-0004-999-4-not/busca/NORDESTE> Acesso em: 01 de nov. 2016.

SANTOS, M. de F. de S.; ALMEIDA, Leda Maria de (Orgs.). **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. EDUFAL, 2005.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1963.